

A dor dos pais

Por mais que queiramos parecer naturais após a morte de um filho, tenha ele a idade que tiver, não o conseguiremos. Até podemos disfarçar muito bem, porque o mundo exige a nossa recuperação para que a vida não perca o sentido.

Por que falo que disfarçamos? Falo porque a cada situação de morte de um filho alheio, seja ele conhecido, amigo, parente ou não, que chega ao nosso conhecimento, faz com que o nosso coração de mãe e de pai sofra toda aquela dor novamente. Colocamo-nos na pele e no lugar dos pais que passam pela mesma situação. Isso porque somos solidários, porque já passamos por semelhante sofrimento, já vivenciamos igual cena: sepultar um filho, a qual nos fere e nos maltrata pelo resto de nossas vidas.

Nunca mais seremos os mesmos, embora com o passar do tempo nos obriguemos a nos consolar e a tentarmos ser felizes novamente. Nunca mais teremos a mesma força ao reunir a família, ao nos aprontarmos para um passeio, nas horas em que costumávamos estar juntos, os telefonemas, os recados. Nas discussões, por que não? Afinal pai e mãe educam, e isso contém alguns atritos, alguns choques de opiniões. Não seremos mais os mesmos porque faltará aquele pedacinho que foi arrancado de nossas almas por uma força maior que nós. E não interessa por qual motivo, a dor estará sempre lá cutucando, às vezes mais rigorosa, outras vezes mais serena, mas continuará lá reservada e à espreita para nos atacar.

Dias passarão, com grande harmonia, mas haverá recaídas e choraremos escondidos e cantaremos as canções de ninar que cantávamos para embalar os sonos infantis, relembremos de episódios, nos culparemos pelo que dissemos e pelo que deixamos de fazer e nos absolveremos e nos consolaremos com a lembrança dos abraços e dos beijos e das palavras que trocamos e assim vamos encontrando coragem para viver e sobreviver, simplesmente, porque a vida continua em todos os sentidos, seja aqui ou lá .

Procuraremos, no entorno, sabermos mais sobre suas vidas, aquela vida que levava longe dos nossos olhos, bisbilhotaremos com os amigos. E encontrar alguém que faça um elogio, alguém que fale que nosso filho era alegre, simpático, isso abrandará nossa dor . Tornaremos-nos mais solidários, mas nossos sorrisos não mais serão os mesmos; pois sempre faltará a alegria plena. Não seremos mais os mesmos... Ficamos incompletos.

Antonia Rosangela Vargas

24/4/2013

( agradeço a professora Mariléia Marchezan que teve a gentileza de revisar o texto.)

---